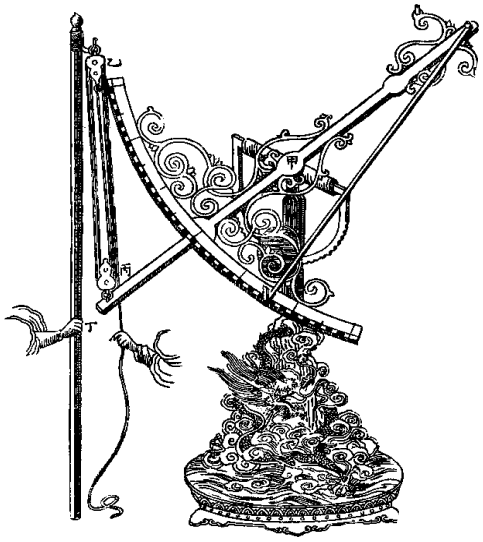
Ferdinand Verbiest, in Jean-Baptiste du Halde, *Description Geographique, Historique, Chronologique, Politique, et Physique de l'Empire de la Chine et de la Tartarie Chinoise...*, Haia, 1736.



A Visão de um Europeu sobre a Revolta dos Três Feudatários

Gabriel de Magalhães e os Apontamentos para a Carta Ânua da China de 1674

Anabela Nunes Monteiro*

Há alguns anos, ao proceder à investigação de um lote de documentos do acervo documental do Arquivo/ Biblioteca da Ajuda em Lisboa , surgiu a oportunidade de analisar um documento datado de 1674 e assinado pelo jesuíta português Gabriel de Magalhães, à data residente na corte de Pequim. O mesmo dizia respeito a apontamentos que se destinavam, de acordo com o cabeçalho, a ser incorporados na carta ânua desse ano.

O documento, integrado na colectânea de *Jesuítas na Ásia,* desde logo despertou o meu interesse, levando a um estudo mais aprofundado na medida em que fornecia informações pertinentes sobre a conturbada época de setenta do século XVII na China. Interesse renovado devido ao facto de ser algo escrito por um europeu sobre assuntos relativos a um grande país em termos geográficos e portador de uma civilização e cultura muito diferentes daquilo que Gabriel de Magalhães, como europeu, estaria habituado a ver.

Mas quem era esse missionário jesuíta a residir na corte imperial? E qual a importância das cartas ânuas como relato/testemunha daquela época?

Quando Mateus Ricci entrou no território chinês e logrou alcançar a corte imperial não foi particularmente bem aceite, tendo chegado a estar preso em 1600. Mas, no ano seguinte, conseguiu ser recebido pelo imperador mostrando-lhe, então, desenhos em perspectiva, técnica totalmente desconhecida pelos chineses. Para além disso, de forma habilidosa, teve o cuidado de lhe oferecer uns instrumentos musicais e uns relógios.[1] Os seus conhecimentos de Astronomia, Matemática, Cartografia e Filosofia chinesa contribuíram definitivamente como uma mais-valia naquela sociedade, conquistando o respeito pela sua pessoa e seus saberes.

Quando morreu, para evitar um vazio que poderia ser contrário aos interesses cristãos na China, foi pedido ao Papa Paulo V (1605-1621)[2] o envio de jesuítas especialistas nas matérias que Ricci dominava. Assim, surgiram, na segunda metade do século XVII, figuras notáveis como Filipe Grimaldi,[3] Adam Schall,[4] Ludovico Buglio,[5] Ferdinand Verbiest,[6] Tomás Pereira[7] e Gabriel de Magalhães.

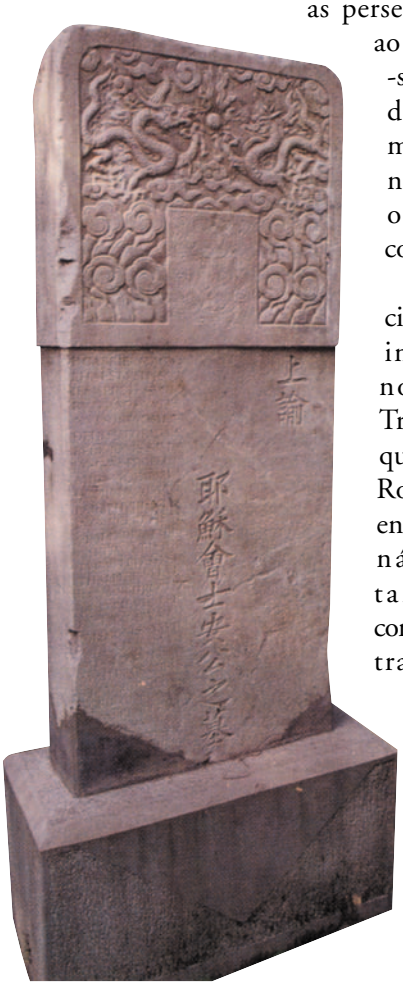
* Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Mestre em Língua e Cultura Portuguesa pela Universidade de Macau. Prepara actualmente uma dissertação de doutoramento sobre a presença portuguesa no mar do Sul da China no século XVII.

Graduate in History from the University of Coimbra, M.A in Portuguese Studies from the University of Macao, preparing a Ph.D. on the Portuguese in the South China Sea in the 17th century.

HISTORIOGRAFIA

O último, redactor dos apontamentos em questão, era natural de Pedrógão Grande no centro de Portugal, tendo entrado para a vida religiosa com apenas dezasseis anos. Uma parte da sua família tinha abraçado igualmente a vida religiosa, tendo ele recebido uma educação consentânea com um ambiente familiar de grande fé. Fez os seus estudos na escola da Companhia de Jesus e, numa fase posterior, na Universidade de Coimbra. Aos 25 anos aportou a Goa e aos 31 chegou à China para realizar trabalho evangélico, a seu pedido. É interessante verificar o facto de ter desejado com tanta veemência deslocar-se para um país cujas notícias reportavam perseguições contra os cristãos e distúrbios generalizados em consequência da decadência da dinastia Ming. Faleceu em Pequim no ano de 1677.

A sua vida na corte e na China teve altos e baixos consoante a atenção e receptividade dada pelos imperadores ou regentes (que governaram a China na menoridade de Shunzhi e Kangxi) e as perseguições e inimizades ao Cristianismo. Junta-se ainda a hostilidade dos astrónomos muçulmanos radicados na corte com quem os europeus foram competir.



Estela funerária de Gabriel de Magalhães no Cemitério de Chala.

Todos os jesuítas citados desempenharam importantes funções no Observatório ou Tribunal Astronómico que, segundo Francisco Rodrigues[8], empregava entre 150 a 200 funcionários. Magalhães, também conhecido como An Wensi 安文思, trabalhou com Adam Schall, na qualidade de auxiliar daquele Tribunal Astronómico e para além de outras obras de vulto, eleborou uma relação das experiências astronómicas realizadas, em Dezembro de 1668, juntamente com Ferdinand Verbiest. Essa relação, escrita em Pequim a 2 de Janeiro de 1669, foi posteriormente traduzida do português para o italiano e publicada em Roma, em 1672, nas narrativas do estado da Missão Chinesa. Hoje encontra-se no Arquivo Central da Companhia de Jesus em Roma.

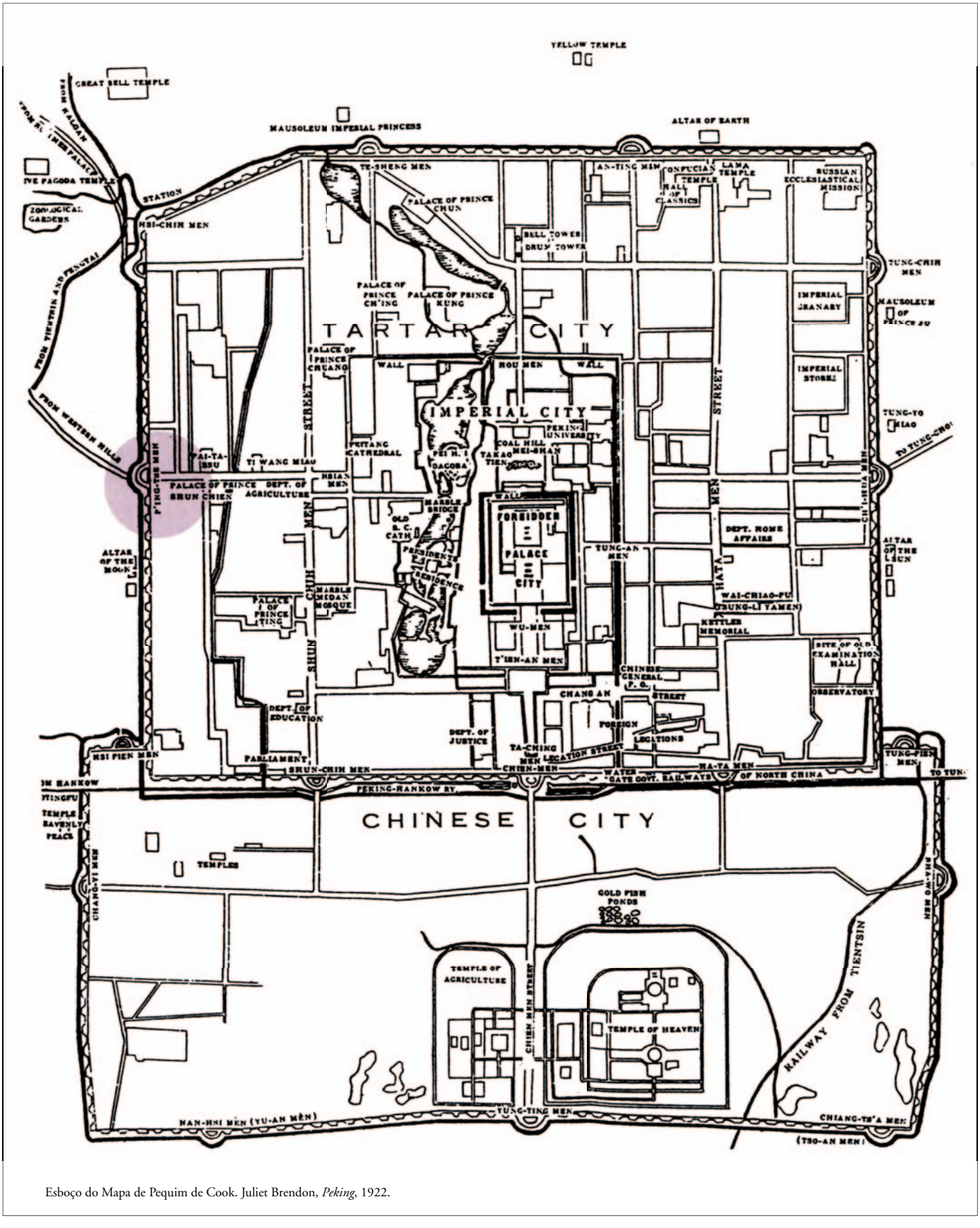
O missionário foi um extraordinário inventor de máquinas e um estudioso de Astronomia. Construiu máquinas automáticas, incluindo um autómato que podia caminhar cerca de quinze minutos[9], valendo-lhe a admiração imperial e o espanto generalizado da corte. Igualmente desenvolveu várias obras de carácter científico.

Os seus restos mortais foram depositados em Chala, terreno cedido aos missionários jesuítas que se encontravam em Pequim para criarem um cemitério. O seu epitáfio em chinês transcreve o édito imperial, referindo que Kangxi tinha sido informado naquela data do falecimento de Gabriel de Magalhães, que havia morrido de doença. Lembra terem sido sempre do agrado imperial, nomeadamente, do imperador Shunzhi (1644-1661), as máquinas por ele construídas, sendo de realçar a perícia de cada uma. Considera ainda ter sido homem simples que residiu na corte imperial durante muitos anos. O elogio fúnebre terminava com a doação de 200 taéis de prata e dez grandes rolos de seda, gesto simbólico demonstrativo de não esquecer figura tão ilustre.

O epitáfio latino é bem mais elucidativo sobre a sua vida quando salienta que foi duas vezes encarcerado e duas vezes condenado à morte, duas vezes preso e duas vezes torturado. Gravemente ferido, esteve várias vezes à morte, morte que viria a ocorrer no dia 6 de Maio de 1677, aos 69 anos.

Para além dos problemas de aceitação do Cristianismo na corte imperial e nas áreas geográficas por onde andavam os missionários havia ainda a insegurança e risco inerentes à guerra civil que teve lugar com a queda da dinastia Ming e que se prolongou por várias décadas, criando um clima de profunda instabilidade, fome, medo e uma violência indescritível em determinadas regiões da China.

Os citados problemas não eram únicos pois, especificamente nessas décadas de sessenta e setenta do século XVII, vivia-se um clima de atrito constante entre religiosos, em virtude do rei de França, Luís XIV, ter dado



Esboço do Mapa de Pequim de Cook. Juliet Brendon, *Peking*, 1922.

HISTORIOGRAFIA

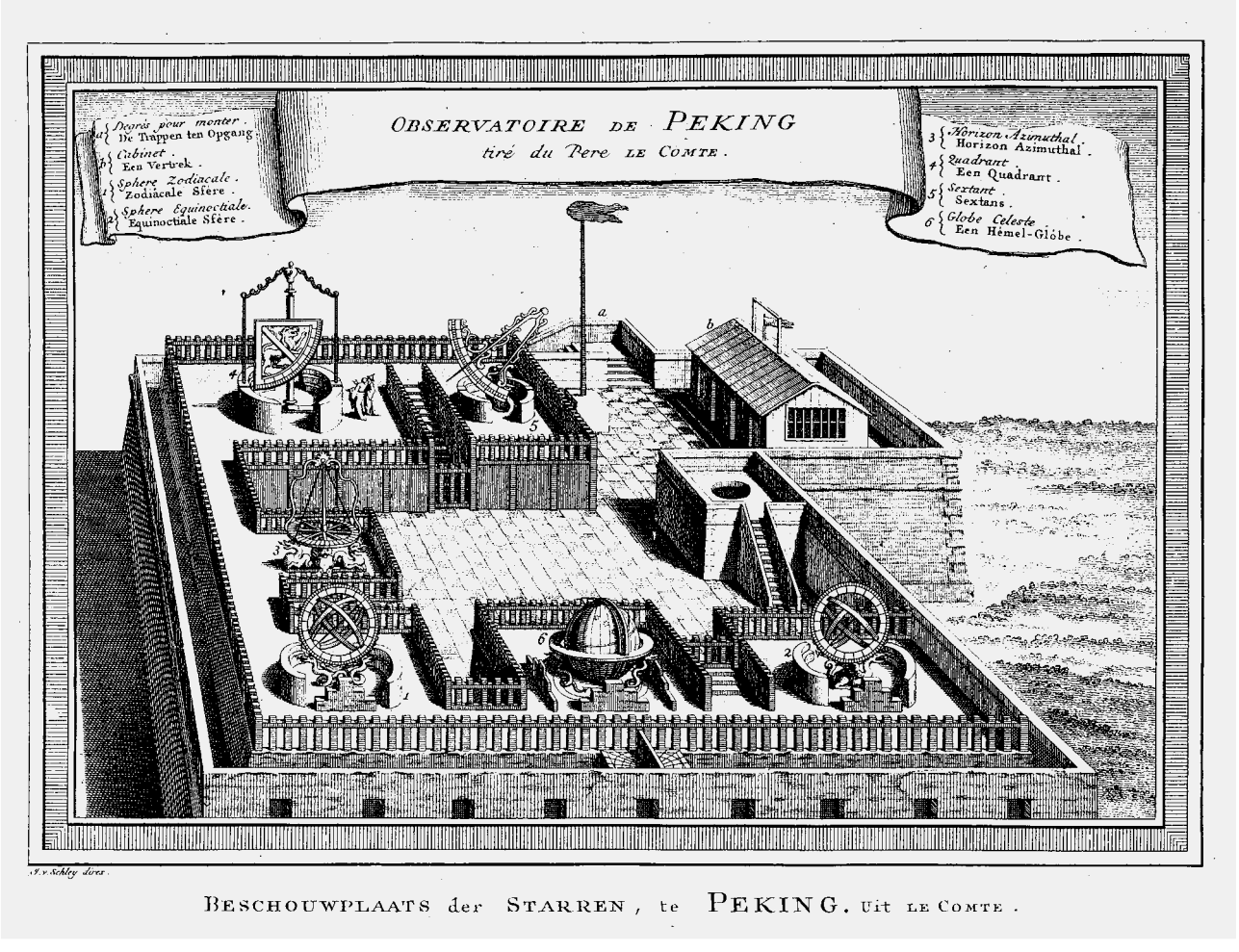
Decalque do epitáfio em Chinês e Latim na estela funerária de Gabriel de Magalhães.

indicação aos missionários franceses da *Propaganda Fide* de não aceitarem a jurisdição dos religiosos portugueses. Como os missionários sujeitos ao Padroado português impediam a passagem dos seus congéneres através de Macau, estes utilizavam a cidade chinesa de Ningbo para esse efeito. Apesar dos conflitos entre as ordens missionárias, que se prolongaram durante anos com inúmeros protestos e queixas, os residentes na corte imperial[10] acabaram por se entender, colaborando em muito para a continuação do prestígio religioso já alcançado.

A expressão do trabalho evangelizador verifica-se no *Memorial Apologético*[11], redigido em 1664 pelo dominicano Domingos Navarrete, onde se afirmava ter a China cerca de 30 sacerdotes, 41 residências e 159 igrejas. Entre 1650 e 1664, os jesuítas teriam baptizado 98 800 pessoas, os onze padres dominicanos, existentes na China, evangelizado cerca de 3400 e os franciscanos, sensivelmente, 2000. O total de católicos do Padroado português na China seria de 256 880 pessoas. É bem possível que haja um certo exagero nestes números, mas a presença cristã começava a ser significativa em certas zonas da China. Basta dizer que a mulher e filho herdeiro do pretenso imperador Ming, Yongli, se tinham convertido juntamente com outros notáveis da corte como o eunuco Aquileo, facto referido claramente no documento de Gabriel de Magalhães.

A maior prova de respeito prestada pelo imperador, não só a Gabriel de Magalhães como também aos outros jesuítas residentes na corte em 1675 foi a visita imperial realizada à igreja e casa jesuíta em Pequim. No dia 12 de Julho, Kangxi, acompanhado do irmão, do sogro, de um irmão deste último e de um mandarim deslocou-se à igreja, tendo sido recebido à porta pelos missionários[12].

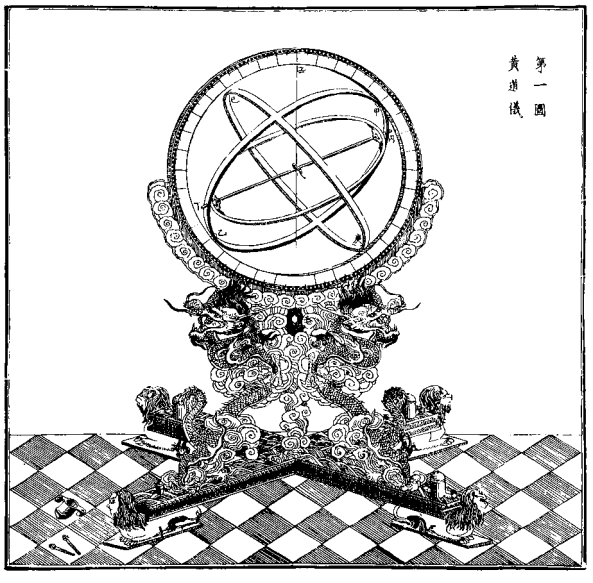
Vista geral do Observatório Astronómico de Pequim. Ferdinand Verbiest, *Astronomia Europaea sub Imperatore Tartaro-sinico Cam-hy appellato*, 1687.



BESCHOUWPLAATS der STARREN, te PEKING. Uit LE COMTE.

Segundo os documentos, o imperador mostrou-se favoravelmente impressionado com o que viu, tendo feito muitas observações e perguntas. Redigiu pela sua própria mão, na porta da igreja, a frase "Reverência ao Senhor do Céu"[13].

Ou seja, o interesse do imperador Kangxi e até do seu antecessor Shunzhi pela Astronomia, Matemática e fauna não existente na China[14] tornou-se o visto de entrada para os missionários europeus muito bem preparados nessas áreas. Inicialmente, os jesuítas tiveram de enfrentar uma certa concorrência e até hostilidade por parte de astrónomos e matemáticos de religião muçulmana. No entanto, a sua credibilidade científico--intelectual ganhou terreno quando conseguiram demonstrar que o calendário europeu era mais exacto do que o utilizado na China, conseguindo também prever a passagem de um cometa[15]. A partir dessa altura, a sua influência e prestígio junto do imperador tornaram-se mais consistentes.



Esfera zodiacal. Ferdinand Verbiest, *Astronomia Europaea sub Imperatore Tartaro-sinico Cam-hy appellato*, 1687.

Entre a morte do imperador Shunzhi, em 1661, e a subida ao trono do seu herdeiro Kangxi, em 1668, o país foi governado por uma junta de quatro regentes, em virtude da menoridade do imperador. Foi sensivelmente nesta época que mais uma vez os jesuítas foram perseguidos e presos. A primeira onda de perseguições tinha tido lugar entre 1616 e1621[16] e a segunda em1643 incentivada pelos bonzos que, na opinião dos jesuítas, eram movidos pela inveja perante os avanços do Cristianismo. A 21 de Dezembro de 1670 foi permitido o regresso dos missionários retidos em Cantão às suas igrejas e, no ano seguinte, a liberdade de movimentos para os missionários tornou-se uma realidade.

Em 1674, os cinco jesuítas anteriormente referidos apetrecharam o Observatório Astronómico com diversos instrumentos destinados a cálculos celestes como o sextante de seis côvados de semidiâmetro ou a armilha equatorial de três côvados de semidiâmetro ou ainda o globo de estrelas de três côvados de semidiâmetro, entre outros de igual interesse científico, facto referido no documento escrito por Magalhães.

O imperador Kangxi apreciou significativamente todos os instrumentos.

Com a presença destes missionários em Pequim, Macau de certa forma veio a ser bafejada pela sorte: apesar de alguns serem portugueses e, como tal, mais sensibilizados para os interesses de Portugal nesta zona do mundo, todos eles faziam parte do Padroado português.

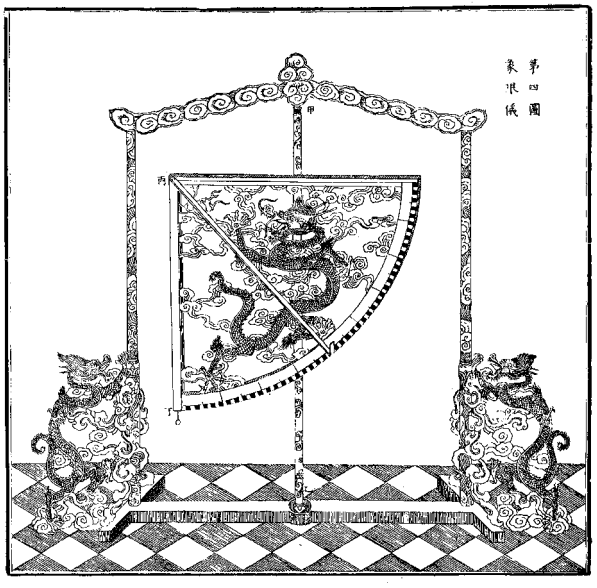
A praça portuguesa de Macau acabava por ser mais apoiada pela actividade diplomática muito discreta desenvolvida pelos missionários na corte imperial do que pelo próprio vice-reinado de Goa. Naquela época conturbada os muitos pedidos de ajuda lançados por Macau para a sede do governo no Oriente eram, na maior parte das vezes, contemplados com o silêncio, para não dizer indiferença. Os missionários de Pequim respondiam muito bem às solicitações dos seus companheiros de Macau, tirando partido do seu prestígio junto do imperador. Só podiam agir em auxílio de Macau através da persuasão, pois em actividades de natureza política o seu campo de manobra devia ser mesmo muito reduzido, dada a sua condição de estrangeiros. E, apesar de se reconhecer a já falada influência junto da corte imperial, como atestam certas atitudes imperiais, como a permissão de andarem nos cavalos do imperador ou de passearem com ele, factos inéditos naquela corte milenar, a mesma deve ser relativizada, porque os documentos jesuítas apresentam um visão apologética sobre as suas actividades nessas missões, embora verdadeira na sua essência como se comprova ao cruzar fontes primárias da época.

Todas as missões jesuítas tinham determinadas regras internas para o seu bom funcionamento de forma a atingirem os objectivos inicialmente propostos. Uma dessas regras consistia na obrigatoriedade dos seus membros coligirem informação sobre o estado da zona

ou país onde se encontravam para serem enviadas para Roma. Essas cartas assumiram a designação de cartas ânuas, constituindo, portanto, um relatório anual sob a forma epistolar. Em geral, desde que não houvesse situações de conflitos regionais ou perturbações de ordem social, o esquema anual de envio resultava.

A feitura das missivas obedecia a duas fases. A primeira consistia na elaboração de um relato dos factos mais importantes ocorridos em cada missão jesuíta. Após a recepção destes relatórios dos superiores das residências jesuítas, o vice-provincial designava um missionário, para redigir a epístola referente a esse ano.

O seu objectivo era não só informar os avanços e recuos do trabalho jesuíta em terras longínquas, mas, simultaneamente, passar uma mensagem de edificação moral aos leitores. O seu estilo era narrativo e com uma estrutura organizacional que contemplava duas partes, o estado secular do reino e o estado da missão jesuíta. Por vezes, sempre que a narrativa possuísse algo que fosse ferir susceptibilidades do foro moral ou religioso, aqueles a quem cabia a tarefa de fazer cópias da carta alteravam o seu conteúdo num ou noutro parágrafo[17].



Quadrante. Ferdinand Verbiest, *Astronomia Europaea sub Imperatore Tartaro-sinico Cam-hy appellato*, 1687.

O documento de Gabriel de Magalhães insere-se na primeira fase de elaboração das cartas ânuas, ou seja, foi ele que, no ano de 1674, teve por missão relatar os principais acontecimentos havidos na missão de Pequim a fim dessas informações serem canalizadas para o documento final. A sua actividade neste campo não resultaria de inexperiência, já que a missiva referente a 1647 e redigida por António de Gouvea incluía uma sua carta escrita sobre a sua vivência e de Ludovico Buglio naqueles tempos conturbados[18]. Para além disso tinha sido ele a redigir a carta ânua de 1640, praticamente logo após a sua entrada em território chinês.

Do manuscrito em estudo salienta-se uma narrativa informativa sobre a "Revolta dos Três Feudatários", ocorrida entre 1673 e 1681. Obviamente, que Magalhães apenas refere os anos de 73 e 74, ignorando o desenvolvimento deste levantamento insurreccional a cujo desfecho, aliás, nem teve a oportunidade de assistir, por entretanto ter falecido. O relato é muito claro, revelando uma nítida preocupação em tentar identificar os principais intervenientes no facto histórico e integrar o mesmo no contexto histórico.

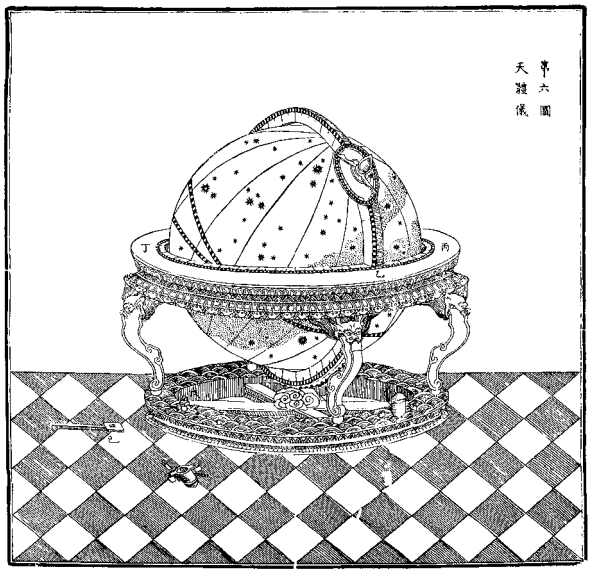
Assim, o jesuíta, para tentar explicar o que estava a ocorrer na zona Sul do país e que se assumia como uma ameaça prática para a nova casa reinante chinesa, recuou no tempo fazendo uma narração da queda da dinastia Ming. O recuo temporal de 31 anos, segundo as suas palavras, compreende-se, pois queria deixar claro o contexto da revolta.

Um dos três feudatários tratava-se, nem mais nem menos, do general Wu Sangui 吴三桂[19], que havia sido o comandante da maior fortaleza do Norte do país que sustinha os Tártaros e que havia solicitado, em 1644, às forças tártaras que fossem até Pequim para debelar o rebelde Li Zicheng 李自成 e auxiliar no restabelecimento da ordem na capital[20]. As referidas forças aceitaram, mas, contra as expectativas de Wu Sangui, ocuparam a cidade e iniciaram a conquista do resto do país. Assim, as forças manchus, que foram dar origem à dinastia Qing como governante de tão vasto império, entraram por "convite" numa contenda que reverteram a seu favor, atingindo objectivos pretendidos havia muito, conforme se podia perceber pelas constantes investidas para sul da barreira da Grande Muralha. Tal está muito bem explicitado na narrativa jesuíta, sem quaisquer juízos de valor ou comentários de índole pessoal.

Tendo sido relativamente fácil controlar Pequim e as zonas do Norte do país, o mesmo não sucedeu nas regiões do Sul. As províncias mais meridionais tinham muitas regiões leais à dinastia deposta. Dessa

forma, sucederam-se uma série de candidatos ao trono imperial, assumindo-se como legítimos herdeiros dos Ming. Salientam-se os casos do príncipe Fu 福王 ou Zhu Yousong 朱由崧, na cidade de Nanjing; o príncipe Tang 唐王 ou Zhu Yujian 朱聿键, na cidade de Fuzhou, cuja "governação" durou apenas 40 dias e o príncipe Gui 桂王, chamado Zhu Youlang 朱由榔, mas conhecido por Yongli (1623-1662)[21].

Wu Sangui aceitou uma aliança com Dorgon 多尔衮, tio do imperador Shunzhi, passando para o lado Qing, a quem serviu por mais de 30 anos, tendo sido agraciado com diversos títulos honoríficos. Um dos seus filhos casou com uma das princesas imperiais, o que mostra bem a sua proximidade à casa real. Em relação a esses factos, o agraciamento e o casamento com uma princesa tártara, Magalhães sublinha o bom apreço dos novos senhores da China pelo general chinês.



Globo celeste. Ferdinand Verbiest, *Astronomia Europaea sub Imperatore Tartaro-sinico Cam-hy appellato*, 1687.

Na realidade, outras leituras são possíveis em relação a este general ou mesmo quanto aos outros dois feudatários: Shang Kexi 尚可喜[22], que tinha recebido o título de *Príncipe Pacificador do Sul*, e Geng Zhongming 耿仲明. Os três eram detentores de gigantesco poderio militar, constituindo uma forte ameaça político-militar para a coroa imperial. Dispunham de um exército significativo, estando cerca de 100 000 efectivos sob o comando do general Wu Sangui[23]. Wu Sangui, senhor de um feudo, era simultaneamente homem de negócios, dedicando-se ao trato do gengibre e ruibarbo, para além de ter o monopólio das minas de ouro e cobre. Os exércitos, apesar de serem praticamente independentes da corte, eram financiados pelos cofres do imperador[24]. Tal facto, muito interessante e que Magalhães não refere no seu relato, custava aos cofres reais cerca de 9 milhões de taéis por ano, conforme documentação referente a 1660.

Estes generais tinham sido muito bem recompensados pelo imperador Qing, pois haviam recebido os estados de Yunnan e Kueichow[25] e uma boa parte de Hukuang[26], segundo o testemunho de Magalhães.

Enquanto o imperador Shunzhi foi vivo a situação de potencial perigo foi tolerada, devido às pressões que os citados exerceram sobre a família reinante. Os problemas com que a China se debatia naquela época eram por demais significativos, sendo necessário resolver as dificuldades uma por uma. É bem provável que seja esta uma explicação para o facto de Shunzhi ter sido tão tolerante com a ascensão gradual e ameaçadora destes nobres. Com a conquista definitiva da China pelos Qing tornou-se possível limar arestas internas quanto a tutelas de poder militar e político. Obviamente que quando Kangxi tentou cercear-lhes o poder, procurando que os três feudatários regressassem à sua terra natal, a região nortenha de Liaodong, alegando já terem tido uma vida de dedicação à causa Qing e como tal deveriam descansar, os citados nobres reagiram violentamente e, em 28 de Dezembro de 1673, Wu Sangui desencadeou uma rebelião contra os governantes imperiais.

Na sua narrativa, quando Magalhães se volta a concentrar nos acontecimentos relativos à vivência próxima e que diziam respeito à revolta levada a cabo pelos três feudatários, percebe-se uma emoção contida com análises valorativas. A violência das notícias que chegavam à corte gerava grande preocupação pela memória relativamente fresca dos acontecimentos sangrentos ocorridos três décadas antes e que tinham sido magistralmente gravados pelo jesuíta António de Gouvea nas suas cartas ânuas de 1643 a 1649[27].

Depois deste relato aborda uma outra questão, esta relativa à família imperial, tecendo vários comentários sobre os acontecimentos que narra. A imperatriz, avó de Kangxi, encontrava-se aparentemente debilitada e muito vulnerável à influência dos lamas, bonzos do Norte, do reino de Uzangue ou Chaparangue[28], que

confina com a China e com os tártaros do Oeste. A localização deste reino seria, aparentemente, na zona do Tibete, pois só essa corresponde à localização adiantada pelo missionário.

Tal facto, insignificante para o reino ou até para a casa imperial, suscitou diversas críticas do redactor que poderão ser compreendidas no sentido de querer mostrar o perigo que representaria para os jesuítas o desempenho de tais religiosos junto de elementos muito próximos de Kangxi, ou ainda a sua total falta de entendimento de como ser possível a aceitação de tais pessoas dentro do próprio paço imperial, espaço vedado aos próprios bonzos residentes na corte. Assim, percebem-se expressões como "maranhas dos lamas" ou "cobiça dos lamas" ou ainda a frase mais elucidativa da sua análise ao referir-se aos tártaros: "Porẽ estaõ estes gentios taõ cegos, e ignorantes, q querem antes o lodo dos seus vicios, e a falcidade da suas superstiçoẽs, q alĩpeza, e a verd.ᵉ da Ley de Deos. Corta o Coraçaõ, rasga as entranhas tanta ignorancia, e cegueira."

Seguindo a estrutura organizacional das ânuas, num terceiro momento refere o trabalho desempenhado pelos jesuítas residentes em Pequim, identificando-os e dando a conhecer os avanços tecnológicos alcançados com os instrumentos já citados e descrevendo pormenorizadamente a torre de observações. Na parte final do relato observa-se um certo conteúdo apologético, quando refere o trabalho evangélico realizado pelos jesuítas da corte. Analisa a importante questão da não conversão do imperador quando tantas provas de competência e seriedade dos jesuítas já tinham sido dadas e aceites na corte. A esse propósito salienta ser impossível a evangelização ao mais alto nível, responsabilizando a numerosa corte de eunucos, bonzos, muçulmanos, etc., que rodeavam e influenciavam constantemente o governante. Interessante verificar a péssima opinião que Gabriel de Magalhães tinha dos eunucos, reflectindo o pensamento jesuíta na corte imperial.

Esta análise é rica em adjectivos de conteúdo pejorativo sobre os conselheiros de Kangxi, denotando uma profunda frustração e amargura pelo falhanço dos mais importantes objectivos da sua presença na corte imperial. Não refere outros jesuítas espalhados em diferentes missões na China, realçando apenas o facto de não terem notícias de António de Gouvea há mais de ano e meio. Tal, devia-se, provavelmente, à insurreição armada que tinha lugar no país, impeditiva de contactos frequentes, dado que António de Gouvea apenas faleceu três anos depois da redacção da presente missiva, em 1677, em Fuzhou.

As cartas ânuas constituem hoje um documento de inegável valor histórico, pois são o testemunho de uma vivência e de uma época na primeira pessoa. Para o século XVII teriam tido outra função muito importante, pois, dada a proliferação de edições e variedade de colectâneas destas missivas, é possível avaliar o grande interesse que despertaram na Europa. Isto compreende-se porque muitas delas eram minuciosas na descrição de hábitos, costumes, gentes, etc., assunto que servia para arrumar histórias fantasiosas sobre o além-mar mas, igualmente, para informar e confirmar usos e atitudes de gentes tão díspares em relação aos europeus.

E, já naquela época, assumiam a função, embora sem haver consciência de tal, de ponte cultural entre o mundo asiático e o europeu, contribuindo para incentivar um maior conhecimento de gentes distantes, uma melhor compreensão de tais hábitos e costumes e obrigando à abertura de uma visão abrangente sobre as diferenças culturais que se iam registando. RC

NOTAS

1 Podemos dizer que Mateus Ricci se serviu dos conhecimentos oriundos do Renascimento italiano, já há muito divulgados e vulgarizados na sociedade italiana. Esses conhecimentos, aliados ao seu bom senso, foram a grande chave de entrada dos jesuítas na corte imperial.

2 Camilo Borghese nasceu em Roma a 17 de Setembro de 1550. Luís Tomás Melgar, *História dos Papas*, p. 352.

3 Destacado astrónomo, chegou a ser indigitado pelo imperador chinês para Presidente do Tribunal das Matemáticas, por sugestão do seu companheiro jesuíta Tomás Pereira. Esteve por dois períodos distintos como residente na corte chinesa. Francisco Rodrigues, *Jesuítas Portugueses Astrónomos na China*, p. 17.

4 Faleceu em 1666, depois de uma vida atribulada na corte chinesa. Esteve preso, mas foi reabilitado pelo jovem imperador Kangxi a título póstumo.

5 De origem siciliana, nasceu em 1606 e entrou para a Companhia de Jesus com a idade de 17 anos, tendo falecido em 1682. In "Breve Relação da vida e morte do padre Luiz Buglio", Arquivo Histórico de Macau [AHM], Mic. C0589 (o documento original encontra-se no Arquivo Histórico Nacional, Madrid).

6 Ferdinand Verbiest veio a substituir Schall na presidência do Tribunal Astronómico. Nasceu na Bélgica em 29 de Outubro de 1623 e morreu em Pequim em 1688. Foi sempre um bom amigo de Portugal. Em Pequim, para além de ter dirigido o referido Tribunal, fabricou canhões e publicou várias obras sobre Astronomia. Entre 1669 e 1672 reconstruiu o Observatório Astronómico, tendo caído nas boas graças do imperador ao corrigir os erros do calendário chinês. Recebeu o título de mandarim de 2.ª classe, além de outras distinções, e foi o intérprete de Saldanha em 1670.

7 À semelhança dos outros citados foi um erudito na corte chinesa. Muito bem aceite pelo imperador, tornou-se seu amigo pessoal, amizade que conseguiu ultrapassar barreiras culturais e religiosas.

8 Francisco Rodrigues, *Jesuítas Portugueses Astrónomos na China,* p. 11.

9 Edward J. Malatesta, Gao Zhiyu (coord.), *Chala,o Mais Antigo Cemitério Cristão de Pequim*, p. 149.

10 Benjamim Videira Pires, *Os Extremos Conciliam-se*, p. 45.

11 AHM, Mic. C0083, pp. 106 e passim (o documento original encontra-se na Biblioteca da Ajuda, *Colecção Jesuítas na Ásia*, Mic. 49-V-16).

12 AHM, Mic. C0083, fl. 159.

13 AHM, Mic. C0083, idem.

14 A missão diplomática de Bento Pereira de Faria (1670) saldou-se por um aparente êxito em virtude do presente levado ao imperador ter sido um leão.

15 Esta rivalidade, no entanto, iria continuar pelo século seguinte entre os missionários europeus e os entendidos chineses em assuntos de astronomia. Na década de trinta do século XVIII, a questão continuou tendo por cerne a previsão dos eclipses.

16 Irene Pih, *Le Pere Gabriel de Magalhães*, p. 14.

17 No manuscrito da ânua de 1644, conservado na Biblioteca de la Real Academia de la Historia, em Madrid, relata (fólio 726-726v.) o suicídio de um jovem cristão chinês devido ao falecimento prematuro da esposa. Os dois parágrafos encontram-se riscados, com a indicação na margem que não se deviam transcrever. A cópia dessa ânua que se encontra na Biblioteca da Ajuda, códice 49-V-13 (ff. 229-252) não tem qualquer referência ao acontecimento. António de Gouvea, *Cartas Ânuas da China*, ed., int. e notas de Horácio P. Araújo, p. 18.

18 António de Gouvea, *Cartas Ânuas da China*, p. 42.

19 General que viveu entre 1612 e 1678, sendo natural de Liaotung. O seu pai, Wu Xiang 吴襄, serviu a casa Ming protegendo as fronteiras de Liaodong contra os manchus. In Arthur Hummel, *Eminent Chinese of the Ch'ing Period*, Vol. I, pp. 878 e passim.

20 A carta enviada pelo general e a resposta dada por Dorgon encontram-se traduzidas para inglês na obra de Jonathan Spence, Pei- kai Cheng & Michael Lestz, *The Search for Modern China,* pp. 25 e 26.

21 C. R. Boxer, *A Cidade de Macau,* pp. 3 e ss. Chu-Yu-lang era neto do imperador Ming, Wanli, que governou a China entre 1573 e 1619. In Arthur Hummel, *Eminent Chinese of the Ch'ing Period*, Vol. I, p. 193.

22 Shang Kexi, que governava a zona que abrangia Macau, teve uma atitude de tolerância em relação aos portugueses. Ele e o governador de Cantão, Wu Xingzuo 吴兴祚, tiveram um sério desentendimento por causa do estabelecimento luso, que culminou com o suicídio do governador em 30 de Dezembro de 1667.

23 Immanuel Hsu, *The Rise of Modern China*, p. 33.

24 *Ibidem*. Segundo Immanuel Hsu, custaram aos cofres do imperador cerca de vinte milhões de taéis em 1667.

25 A actual província de Guizhou. Hosea Ballou Morse, *The Trade and Administration of China*, pp. 11 e passim.

26 As actuais províncias de Hubei e Hunan.

27 António de Gouvea, *Cartas Ânuas da China.*

28 Grafia de difícil leitura.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias

Arquivo Histórico de Macau

Mic. C0589, *Breve Relação da vida e morte do padre Luiz Buglio* (o original encontra-se no AHNM).

Mic. C0083, (o documento original encontra-se na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, *Colecção Jesuítas na Ásia*, Mic. 49-V-16).

Fontes Impressas

Boxer, Charles, *A Cidade de Macau e a Queda da Dinastia Ming (1644-1652)*, Orfanato, Macau, 1938

Edward J. Malatesta, Gao Zhiyu (coord.), *Chala. Vivos para além da morte, o mais antigo cemitério cristão de Pequim*, Instituto Cultural de Macau, Instituto Ricci e Universidade de São Francisco, 1998.

Gouvea, António de, *Cartas Ânuas da China*, ed., int. e notas de Horácio P. Araújo, Instituto Português do Oriente, Biblioteca Nacional, 1998.

Hummel, Arthur W., *Eminent Chinese of the Ch'ing Period*, SMC Publishing INC, Taipei, 1991

Hsu, Immanuel C. Y., *The Rise of Modern China*, New York, Oxford University Press, 1995.

Loureiro, Rui Manuel, *Em Busca das Origens de Macau*, Antologia Documental, Macau, Museu Marítimo de Macau, 1997.

Magalhães, Gabriel, *Nova Relação da China*, Macau, Fundação Macau e Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 1997.

Melgar, Luís Tomás, *História dos Papas*, Lisboa, Edit. Estampa, 2004.

Monteiro, Anabela Nunes, *Macau no Tempo de Bento Pereira de Faria - Século XVII*, dissertação de Mestrado, texto policopiado, Macau, Universidade de Macau, 1998.

Morse, Hosea Ballou, *The Trade and Administration of China*, 3rd ed. revised, New York, Longmans,1921.

Navarrete, Domingo Fernandez, *Tratados Historicos Politicos, Ethicos y Religiosos de la Monarchia de China*, Madrid, Imprenta Real, 1676.

Pih, Irene, *Le Père Gabriel de Magalhães,* Paris, Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1979.

Pires, Benjamim Videira, *Os Extremos Conciliam-se*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1988.

Rodrigues, Francisco, *Jesuítas Portugueses Astrónomos na China,* Instituto Cultural de Macau, 1990.

Spence, Jonathan, Cheng, Pei-kai, Lestz, Michael, *The Search of Modern China, a documentary collection,* W.W. Norton & Company, New York, 1999.